

# Das Exposições Universais aos Jogos Pan-Americanos de 2007: os envolventes legados arquitetônicos dos megaeventos<sup>1</sup>

From Universal Expositions to 2007 Pan-American Games:  
the involving architectonics legacy of mega- events

**Vania Oliveira Fortuna** | vaniafortuna@gmail.com

Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj. Professora de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida.

## Resumo

Este trabalho estuda os legados arquitetônicos produzidos por eventos de grande porte. Fenômeno de comunicação, os megaeventos habitam o imaginário urbano, marcam a memória do lugar, alteram o *status quo* da cidade e atuam sobremaneira na vida cotidiana. Para ilustrar esta dinâmica, revisitaremos as Exposições Universais, especialmente as realizadas em Londres (1851) e Paris (1855), consideradas por Walter Benjamin como espetáculo signo da modernidade; e os Jogos Pan-Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro. Percebemos que tanto na Modernidade como na Contemporaneidade os grandes eventos fazem parte da história da humanidade, movimentando as metrópoles e impondo equipamentos arquitetônicos que envolvem favoravelmente o terreno, a população e o visitante.

**Palavras-chave:** megaeventos; cidade; arquitetura; comunicação.

## Abstract

*This work studies the architectural legacies produced by large events. A communication phenomenon, the mega-events inhabit the urban imaginary, mark the memory of places, change the status quo of the city and act greatly in everyday life. To illustrate this dynamic, we revisit the Universal Expositions, especially those held in London (1851) and Paris (1855), considered by Walter Benjamin as a sign spectacle of modernity, and the Pan American Games (2007), held in Rio de Janeiro. We realize that both in modernity in contemporaneity the great events are part of human history, moving metropolises and imposing architectural equipments favorably involving the terrain, population and visitors.*

**Keywords:** mega-events; city; architecture; communication.

## INTRODUÇÃO

Os eventos fazem parte da história da humanidade. Quando revisita-mos os mais remotos ajuntamentos sociais percebemos a importância do espetáculo na vida das pessoas. Em Atenas, séculos antes da Era Cristã, a grande praça central da cidade surgia como palco dos principais eventos artísticos, políticos, religiosos e esportivos. Nasciam os jogos públicos (como disputa de disco, pugilismo, corridas, entre outros). Os espaços urbanos começavam a ser delineados. Com a construção de teatros e de outros equipamentos arquitetônicos que passaram a abrigar tais espetáculos, notadamente percebemos, já na Grécia Antiga, a arquitetura e a cidade se movimentando em função dos eventos. Em Roma, os jogos também tinham papel importante e faziam parte das celebrações que aconteciam em praça pública, teatros e circos. Na Idade Média, os olhos da sociedade se voltam para Paris. Gradativamente os espaços abertos foram tomados pelos festivais, rituais cívicos e cerimônias religiosas. As celebrações populares usavam a liberdade como arma para vencer as dominações. Nessas festividades o povo se reconhecia numa nova vida. No corpo coletivo, o corpo individual se libertava. No Renascimento e na Modernidade, a religião ainda era a tônica dos grandes eventos, mas no século XIX as exposições que reuniam as novas técnicas da indústria capitalista começaram a atrair multidões.

No início do século XX, as pessoas se reuniam em volta do rádio para ouvir os acontecimentos. Anos mais tarde a televisão entra em nossas vidas para ficar. Esses meios de comunicação estimularam o interesse do público pelos grandes eventos. A visibilidade foi determinante para o constante aperfeiçoamento de suas produções. Novas tecnologias surgem a cada dia e toda essa dinâmica se traduz em inúmeras possibilidades de mediação dos megaeventos.

Fenômeno de comunicação, os megaeventos habitam o imaginário urbano, marcam a memória do lugar, alteram o *status quo* da cidade e atuam sobremaneira na vida cotidiana criando e alimentando uma importante rede de comunicação urbana. A cidade, a população, o trânsito, a arquitetura, a saúde, a segurança pública, todos os aspectos da vida urbana podem se modificar e se movimentar em função de um megaevento. Empregos temporários são gerados, novos focos turísticos são explorados, novas estratégias de organização dos serviços públicos são oferecidas. Toda essa transformação tem, muitas vezes, uma vida curta, mas em alguns casos as mudanças são incorporadas à estrutura cotidiana da cidade e da população, como verificamos nas Exposições Universais, evento que marcou a Modernidade, e os Jogos Pan-Americanos de 2007, o megaevento que se inscreveu na história do Rio de Janeiro, especialmente por seus legados arquitetônicos.

## EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: ESPETÁCULO SIGNO DA MODERNIDADE

Penso nas raças convivendo nos *outdoors* da Benetton; nas melodias flamencas, italianas, inglesas e de sociedades não-europeias que “superam” suas diferenças locais nas turnês dos três tenores; nas exposições universais, nos espetáculos olímpicos e nas festas esportivas que “irmam os povos” e oferecem ao mundo versões simplificadas do diverso e do múltiplo (CANCLINI, 2003, p. 184).

As narrativas de Walter Benjamin (1892 - 1940) sobre a Paris do século XIX, as transformações na indústria cultural, a observação da banalidade do cotidiano, enfim, a tentativa de atribuir significado a cada fragmento cultural urbano, é importante para os estudos de qualquer metrópole contemporânea e da comunicação produzida nos seus espaços. Canevacci considera o filósofo alemão:

O narrador de cidades, o primeiro antropólogo “espontâneo” da condição urbana ou, como mais eficazmente poderíamos dizer em inglês, construindo um neologismo ligado à palavra original (*storyteller* = narrador) - o *cityteller*. Por isso o debate sobre antropologia contemporânea recomeça tão frequentemente com ele. (2004, p. 106)

Nascida do desejo de divertir as classes operárias, a primeira Exposição Nacional da Indústria, precursora das Exposições Universais, aconteceu em 1798, em Paris. A ideia inicial era organizar uma festa popular em comemoração à Proclamação da República Francesa. Como entretenimento, algumas pessoas da organização do evento sugeriram pau de sebo e outros jogos, até que alguém sugeriu acrescentar uma exposição de quadros. Era a inspiração para esta festa popular promover o encontro do público com as artes plásticas. O proletariado conheceu uma exposição que privilegiou os hábitos populares. A seda, o cetim e a renda foram substituídos por tecidos de uso doméstico.

Esse evento deu origem às exposições públicas dos produtos da indústria francesa em 1801 e 1802, no Louvre; em 1806, nos Invalides; em 1834, 1839, 1844 na Place de la Concorde e nos Champs-Élysées. Segundo Benjamin, a exposição de 1801 também queria reunir os produtos industriais e as artes plásticas, mas os artistas se negaram a expor suas obras juntamente com os produtos industriais.

A primeira exposição internacional da indústria, do comércio e das artes – a primeira Exposição Universal - realizou-se em Londres, em 1851, reunindo as novidades do sistema de produção resultantes das novas técnicas, sejam elas maquinários ou produtos de consumo de massa.

Em 1850, o príncipe Albert, marido da rainha Vitória, coordenou a organização da exposição, começando pela construção do local do evento. Em curto prazo, milhões de dólares foram disponibilizados para o projeto que imprimiria novos rumos à arquitetura. Projetado por Joseph Paxton, um arquiteto e paisagista bastante conhecido à época, o Palácio de Cristal foi construído no parque mais importante de Londres, o Hyde Park. Utilizando elementos de ferro, madeira e vidro pré-fabricados, esta inovação da construção

civil permitiu que a montagem fosse feita no local, podendo, mais tarde, ser remontada em local diferente. Surge um novo conceito de pré-fabricação que se tornaria mais tarde uma tendência mundial. Após a exposição, o Palácio de Cristal foi remontado no Sydenham Hill, onde permaneceu até ser destruído por um incêndio, em 1936.

O luxuoso espaço, composto por gigantescos pavilhões, abrigava quadros, esculturas, monumentos de bronze, estátuas de mármore e chafarizes juntamente com as máquinas de fiar, de fazer renda, de fabricar envelopes, teares a vapor, bombas centrífugas e locomotivas em miniatura.

O olhar melancólico de Benjamin era fruto de um momento delicado de sua vida: judeu, militante intelectual progressista, vítima do nazifascismo, percebeu os meandros culturais e comunicacionais das exposições, mas criticou sua idealização em função do interesse capitalista. O filósofo entendeu esses grandes eventos como “centros de peregrinação ao fetiche mercadoria” (2006, p. 57) onde as pessoas se alienavam ao contemplar o espetáculo da indústria capitalista, mas seu olhar provocante admitia que as Exposições Universais promovessem o encontro da multidão com a arte.

Benjamin percebeu que o novo cenário estava montado para o homem moderno ocupar o seu lugar. Esse homem movido pelo frenesi de uma nova época circulava acelerado esperando a festa cujo espetáculo era as técnicas industriais.

Paris realizou sua primeira Exposição Universal em 1855, no Champ de Mars. A Europa se encontrava novamente para compartilhar as inovações da técnica industrial e das artes plásticas. Para Benjamin, o sucesso dessas exposições foi confirmado, entre outras coisas, pelo número de expositores nesse evento: 80.000; na de Londres, em 1851, foram 14.837. Mais uma vez o espetáculo começou pela arquitetura ao projetar o Palácio da Indústria. A construção utilizou novos materiais como pedra, ferro e zinco. Os custos atingiram 11 milhões de francos. Seis pavilhões tinham os seus espaços internos iluminados por enormes tetos de vidro. As pinturas em vidro que ornamentavam o palácio retratavam pessoas em tamanho natural.

Os corpos se integravam ao espetáculo que aguçava os sentidos. Os olhos se ofuscavam diante das locomotivas expostas nos salões, os ouvidos ficavam surdos pelo barulho das máquinas que fiavam a lã, batiam o grão, extraíam carvão e fabricavam chocolate. Cores, luzes, sons e aromas, tudo foi pensado e montado para seduzir o visitante e despertar o desejo por um novo mundo. Essa exposição confirmou o desenvolvimento dos meios de produção e como a de Londres, em 1851, também produziu novas sensibilidades que permitiram aos homens novos olhares sobre o mundo.

Percebemos uma fusão do espetáculo com os espaços e com os corpos, cujos sentidos se excitavam pelo audiovisual e pelo gigantismo dos pavilhões. Este cenário nos remete aos estudos de Maffesoli sobre o orgasmo, um olhar audacioso das relações festivas e da teatralidade cotidiana.

Ao fazer a mímica da desordem e do caos por meio da confusão dos corpos, o mistério dionisíaco funda periodicamente uma nova ordem e, assim, sublinha também a preeminência do coletivo em relação ao individualismo, bem como em relação ao seu correlato racional, que é o social. (1985, p. 21)

Uma nova ordem surge da desordem característica da efervescência que pulsa nos momentos orgiásticos. Esses fenômenos representados por Dionísio, Deus do vinho e do sexo, são analisados por Maffesoli, que toma como base os excessos, verdadeiras aberrações, desenvolvidos nas festas populares e no Carnaval da Idade Média. É o que Bakhtin chama de realismo grotesco, uma concepção estética de vida marcada pela cultura cômica popular. O grotesco era representado nos rituais pelas ações banais cotidianas como beber, comer, falar palavrões e fazer sexo, por exemplo, parodiadas pela marca do exagero. Era a oportunidade que o povo tinha para vivenciar intensamente prazeres que fora dos momentos festivos deviam ser moderados.

A desordem promovida pelas celebrações populares nos aproxima da circularidade sugerida por Morin, envolvendo ordem – desordem – interações – organização. Para o autor, “grandes tipos de interação permitem, no centro da desordem da agitação, o surgimento de uma ordem física na e pela formação de organizações” (2007, p. 31). As interações e sua multiplicidade de sentidos podem confundir e até dispersar uma determinada ordem, mas rapidamente se unem e se reorganizam. Faz parte da dinâmica do conflito.

Maffesoli analisa sociologicamente o orgasmo social como uma prática essencial à socialidade, termo que ele defende como experiências vividas em coletividades libertas das algemas do social, representado por uma vida oprimida pelo controle social. Para o autor, o orgasmo “é uma ‘forma’ que permite compreender uma multiplicidade de situações que, por estarem menos delimitadas, escapam em grande parte à injunção moral” (1985, p. 24). Ele dissolve as diferenças, integra o corpo a um todo, seja pelo amor, seja pela dor. Isso nos sugere o homem moderno se integrando ao espetáculo das Exposições Universais. Inserido no cotidiano, o orgasmo relativiza a ordem que se impõe e permite que as paixões circulem e que a vida seja recriada a cada dia. É a teatralidade cotidiana, uma forma de resistência cultural que transcende aos interesses político, econômico e social.

Apesar de Maffesoli acreditar que a euforia produtiva do século XIX tentou domesticar os costumes e pacificar os corpos, Dionísio, adormecido temporariamente, estava prestes a despertar – é o que o autor chama de centralidade subterrânea. O orgasmo social, quando menos se espera, floresce e cria possibilidades. Para o autor, esse século encerra

Uma multiplicidade de atitudes dionisíacas (romantismo, intimismo), que podem ser consideradas ‘pedras fundamentais’ de fenômenos que esboçam ou se desenvolvem em nossos dias [...] foi analisado como sendo o século da domesticação das paixões, do higienismo realizado. Isto é inegável; entretanto não seria possível, ao mesmo tempo, negar

a existência de importantes fenômenos de resistência que, embora discretos, não deixaram de ser eficazes. (1985, p. 166)

O orgiasmo nos ajuda a perceber as brechas que a vida cotidiana encontra para resistir às coerções político-econômicas. Valorizar os atos mais triviais do dia-a-dia é o que Maffesoli, citando Benjamin, chama de “interesse do presente” (Ibid., p. 129), consciência de que ações efêmeras como namorar, comer, beber, conversar com um estranho na rua devem ser praticadas com intensidade no aqui e agora porque não sabemos se teremos outra oportunidade daqui a pouco. Nesse cenário de resistência também se enquadram as festas populares, o Carnaval ou até mesmo pequenos rituais diários como uma festa familiar, momentos de inversão social que reafirmam as relações em sociedade.

As narrativas de Benjamin sobre a Paris do século XIX, seu olhar sobre a modernidade, ora melancólico, ora entusiasmado, foram a nossa inspiração para a análise das Exposições Universais, que continuaram a deixar seus legados arquitetônicos pela cidade. Em 1889, esse grande evento foi realizado para comemorar o centenário da Revolução Francesa. Inscreve-se no cenário urbano francês a Torre Eiffel, um dos principais ícones turísticos de Paris e recentemente candidata às sete novas maravilhas do mundo moderno.

156

O Rio de Janeiro também tem marcas no seu espaço urbano deixadas por um grande evento. No início do século XX, o orgulho de sentir-se inserido no mundo moderno incentivou a cidade a produzir a primeira Exposição Universal do Brasil, em 1922, para comemorar o Centenário da Independência. O evento deixou legados arquitetônicos importantes como o prédio da Academia Brasileira de Letras, o Hotel Glória e o Hotel Copacabana Palace, que se firmaria no imaginário urbano e se tornaria uma das construções mais representativas do Rio.

Ao longo dos anos, as cidades perceberam que sediar um evento de grande porte pode significar uma reestruturação urbana, pois sua realização alavanca investimentos e cria oportunidades que solidificam a imagem da cidade no competitivo cenário mundial. As disputas entre as metrópoles estão cada vez mais acirradas. O Rio de Janeiro, por sua vez, é um dos principais palcos de megaeventos de todo o mundo. E ao sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007, se inscreveu definitivamente nesse cenário.

### JOGOS PAN-AMERICANOS DE 2007: UMA METAMORFOSE NO RIO DE JANEIRO

As megalópoles são povoadas por mensagens em todos os seus recantos [...] É o mundo da autoridade da comunicação e da transfiguração do político - dois campos que se entrecruzam tanto nos espaços físicos quanto nos virtuais. No entanto, a ambivalência das comunhões comunitárias pós-modernas, em que o lugar faz o elo, pode abrigar manifestações das mais diversas ordens em nome do prazer ou da dor, como nos grandes eventos artísticos, esportivos, político-partidários e mesmo religiosos. (FREITAS; NACIF, 2005, p.7)

Réveillon, Carnaval, campeonatos esportivos, shows musicais, feiras, congressos. A lista seria grande para ilustrar os diferentes tamanhos, temas e formas de eventos que o Rio de Janeiro recebe todos os anos. A cidade é considerada um dos mais importantes palcos de eventos de grande porte de todo o mundo – a segunda do país e a quinta das Américas que mais recebe eventos internacionais<sup>2</sup>.

Atualmente, a violência urbana é uma das primeiras características lembradas por turistas. Entretanto, a cidade lidera amplamente a lista das principais cidades brasileiras visitadas por turistas estrangeiros, com uma média de 40% de preferência nos últimos anos. Em 2007, aproximadamente dois milhões de pessoas participaram do Réveillon no Rio de Janeiro, cuja maior concentração (como em todos os anos) foi na praia de Copacabana. A cidade recebeu 600 mil turistas que geraram receita de US\$ 435 milhões. A taxa de ocupação hoteleira foi de 93%<sup>3</sup>. Anualmente o evento oferece em suas praias um espetáculo de queima de fogos que encanta a todos que renovam suas esperanças no ano que se inicia.

O Carnaval carioca, em 2008, recebeu cerca de 700 mil turistas que deixaram na cidade perto de US\$ 500 milhões. A rede hoteleira comemorou a ocupação de 82,89%. Esse evento foi responsável pela geração de aproximadamente 850 mil postos de trabalho direto e indireto<sup>4</sup>. Independente do Réveillon e do Carnaval, os eventos de negócios também estão atraindo turistas durante todo o ano. As viagens corporativas representam 54,68% das visitas, um aumento de 13,45%.<sup>5</sup> Essa atmosfera favorável à recepção de grandes eventos foi consolidada com os Jogos Pan-Americanos de 2007, considerado o maior evento realizado no Brasil desde 1963, quando houve o Pan em São Paulo.

Além da reforma no Maracanã e em outros complexos esportivos, as construções mais expressivas foram o Estádio Olímpico João Havelange (Engenhão), com capacidade para 45 mil espectadores e possibilidade de expansão para 80 mil, a Arena Olímpica do Rio, o Parque Aquático Maria Lenk e o Velódromo da Barra, a maior pista de ciclismo da América Latina. A população e os turistas lotaram esses locais e as ruas, desfrutando de uma sociabilidade desenvolvida especialmente em momentos festivos cujo “caráter é determinado por qualidades pessoais tais como amabilidade, refinamento, cordialidade e muitas outras fontes de atração” (SIMMEL, 1983, p. 170). Podemos afirmar que seu alvo é a confraternização – é o sucesso do momento sociável. Sob o mesmo viés, Maffesoli chama esse momento sociável de lógica da fusão. O autor afirma que se de um lado está o social, que tem estratégia e finalidade próprias, do outro está a fusão da comunidade, “a massa em que se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos” (2006, p. 127).

O ambiente pacífico manifestado pelo clima de festa conjugado às estratégias de segurança pública reduziram em 60% o índice de criminalidade no

mês de julho de 2007. O megaevento deixou para a cidade do Rio de Janeiro R\$ 400 milhões em equipamentos, aproximadamente, como 1.768 veículos novos, um investimento de R\$ 100 milhões e 800 câmeras que custaram R\$ 161 milhões. A organização dos Jogos Pan-Americanos foi considerada, de uma maneira geral, bem-sucedida, alavancando para o Brasil a confirmação de país-sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. A notícia foi comemorada por brasileiros e governantes, mas o presidente Lula reconheceu que grandes desafios estão por vir, sobretudo no transporte. Ainda sob o efeito Pan, o Rio de Janeiro está entre as quatro finalistas para sediar os Jogos Olímpicos de 2016<sup>6</sup>. A cidade deverá apresentar um projeto para a redução substancial da violência urbana, dos problemas com transporte e meio ambiente, além de melhorias na infraestrutura hoteleira.

Investigar megaeventos nos leva a pensar a cidade e a sociabilidade que pulsa nesses momentos festivos. Percebemos que apesar da rápida e fácil comunicação através das máquinas, as pessoas continuam querendo se encontrar para rir, dançar, torcer, chorar. Essas emoções têm mais sabor se experimentadas com o outro face a face, ainda mais se estimuladas pelo espetáculo e pelo ambiente que as une. Nesse sentido, observar as transformações urbanas que os grandes eventos provocam na cidade é fundamental para o seu estudo, pois é ela o cenário mutante desse fenômeno de comunicação.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar megaeventos contemporâneos realizados em metrópoles é um desafio que nos seduz. Acreditamos na relevância das pesquisas sobre esse tipo de intervenção que altera sobremaneira o cotidiano da população e da cidade onde são realizados, estabelecendo uma rede de comunicação urbana criada especialmente para esse momento.

Através das narrativas de Benjamin, que atribui significado a cada fragmento cultural urbano, tão importante para os estudos de qualquer metrópole contemporânea, revisitamos as duas primeiras Exposições Universais, realizadas no século XIX. Percebemos que esses eventos de grande porte, idealizados para contemplar as novas técnicas industriais e reafirmar o poder do capitalismo, transformaram-se numa grande celebração popular que possibilitou, entre tantas outras coisas, o encontro da multidão com as artes plásticas. Os espaços urbanos de Londres e Paris receberam construções especialmente encomendadas para abrigar esses eventos. O espetáculo das exposições começava pela arquitetura. Os Palácios de Cristal (1851) e da Indústria (1855), construídos com novos materiais, como pedra, ferro e zinco, tinham os seus espaços internos iluminados por enormes tetos de vidro. O cenário estava montado para envolver um novo homem: o homem moderno, que freneticamente circulava em meio às máquinas e às artes com uma nova visão de mundo. Toda essa atmosfera que integrava o homem e o espaço ao espetáculo da modernidade,

promovia uma sociabilidade muito própria de momentos festivos, oportunidade em que as diferenças são superadas. O objetivo individual cede lugar ao objetivo da coletividade, que é a confraternização.

Ao longo dos anos, as metrópoles perceberam que sediar megaeventos significa uma boa oportunidade para concretizar reestruturações urbanas, intervenções que ajudam a solidificar a imagem da cidade no cenário mundial. O Rio de Janeiro já se inscreve nesse contexto como a quinta cidade das Américas a sediar eventos internacionais. Em 2007, o Rio sediou os Jogos Pan-Americanos. Mais uma vez o espetáculo começava pela arquitetura. Antigos equipamentos esportivos foram reformados, como o Maracanã, um dos ícones turísticos do Rio de Janeiro, assim como outros foram construídos. Por quase um mês uma nova cidade se apresentava. Entre tantas estratégias criadas especialmente para o evento, a segurança pública chama a atenção. A cidade ficou mais segura. O índice de criminalidade foi reduzido em 60%. A população e os visitantes lotaram os locais de competição e as ruas, produzindo um espetáculo à parte: o da união entre os povos de diferentes países. O imaginário urbano trabalha com o desejo de que todo dia fosse dia de um megaevento.

## 159

### NOTAS

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Fórum Temático IX Terreno e Arquitetura, uma simbiose entre o ser e o mundo, evento componente do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional, outubro de 2008, Recife - PE.

<sup>2</sup> Informação fornecida por Jeanine Pires, presidente da Embratur, em artigo veiculado no jornal "O Globo", em 25 de julho de 2008.

<sup>3</sup> Fonte: <<http://www.governo.rj.gov.br>> e <<http://www.rio.rj.gov.br>>. Acesso em 05 jun.2008.

<sup>4</sup> Fonte: <<http://www.governo.rj.gov.br>> e <<http://www.rio.rj.gov.br>>. Acesso em 05 jun.2008.

<sup>5</sup> Pesquisa da Fecomércio-RJ veiculada no jornal "O Globo", em 31 de agosto de 2008.

<sup>6</sup> Depois de inscrito este trabalho no Ciclo de Estudos sobre Imaginário, o Rio de Janeiro venceu a disputa, em outubro de 2009, para sediar os Jogos Olímpicos de 2016.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, vol. I). São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única* (Obras escolhidas, vol. II). São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. (Obras escolhidas, vol. III). São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Estúdio Nobel, 1993

FREITAS, Ricardo (Org.); NACIF, Rafael (Org.). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo: Ática, 1991.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MORIN, Edgar. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

SIMMEL, Georg; Moraes Filho, Evaristo de (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.